

29-06-2021

Capital-Canibal e suas entranhas intestinais

Fabritzio Fävasch Rodriguez

[Ativista Social e Sindical. Observatório
do trabalho latino-americano]

O Capital, com letra maiúscula mesmo, está devorando o trabalho, com letra minúscula mesmo. A relação capital-trabalho mudou na sua representação da língua escrita.

Agora deveremos usar CAPITAL-CANIBAL.

O trabalho que há muito já foi engolido pelo Capital, digerido em anos recentes com o novo Capital dos ultraliberais, agora repousa no intestino grosso do Capital para ser expelido aos poucos. Talvez em mais dez ou vinte anos ou, de qualquer forma, em algum momento breve será totalmente expelido das relações sociais de produção.

A figura excremental não é metafórica. É o puro retrato fisiológico do Capital em seu sociometabolismo intestinal.

Se antes, o Capital precisava do trabalho para se reproduzir, agora ele digere descaradamente os trabalhadores, como parte de seu sociometabolismo, sem se preocupar com uma coisa tão antiga quanto o antigo capitalismo: DIREITOS. Alimentar-se de seus próprios filhos é uma constatação científica entre algumas espécies animais. A sobrevivência da espécie, contraditoriamente, é uma das principais razões. Libélulas, lagostas, sapos, espécies de peixes, mas também gatos, porcos, coelhos...

São muitas as razões: dinâmica populacional, carência nutritiva, stress, superpopulação de predadores...

O chamado canibalismo filial, no mundo animal, tem alguns fundamentos que subsidiam o entendimento do canibalismo do Capital ou, mais simplesmente, o Capital-Canibal. Para sua sobrevivência vale tudo.

Inclusive transformar a luta de classe em concórdia de classe, como aliás, já no final do século XIX, propunha o Papa Leão XIII, o maior defensor do capitalismo de todos os tempos, em sua Encíclica Rerum Novarum, adorada por advogados e juízes trabalhistas capitalistas seguidores do Papa. O Capital-Canibal reproduz a “contradição” do mundo animal ao comer o trabalho e os trabalhadores com a sofreguidão dos famintos. Já nem os mastigam, apenas engolem. E por que o fazem? O Capital-Canibal, ao contrário dos animais, que usam desse artifício natural para sobreviverem, já não precisa do trabalho para sobreviver. Reproduz-se a si próprio. E faz isso também copiando a natureza. Algumas espécies reproduzem-se sozinhas e, dentre elas, um tipo de cobra - a víbora -.

Aliás, o nome é bem apropriado. Puderam o Capital-Canibal, que hoje se reproduz sozinho, seguir o destino da víbora solitária que possui uma mortalidade muito maior do que as víboras que se reproduzem acasalando. Que a morte do Capital-Canibal autorreprodutivo siga uma ordem mais biológica do que as ordens econômica e sociológica.

E que morra logo... Mas antes que este texto entre nos caminhos da Biologia Exótica que eu não domino, vamos falar do sociometabolismo do Capital, o mesmo que rotulei de excremental. Na Coluna Opinião, Diego Souza volta e meia trata desse tema, a partir de Mészáros. Espero que ele seja benevolente comigo. A narrativa de Estado mínimo é perfeitamente coerente com os detentores do Capital.

Seja no Capital fundiário, produtivo, financeiro ou religioso, em que as formas de acumulação variam, mas convergem, a ideia de Estado mínimo esconde a natureza pretendida. No contexto de camuflagem sociometabólica de sua natureza o Capital exangue o trabalho e suas representações. A rigor, o trabalho não deixa de existir nas entranhas intestinais do Capital, o que deixa de existir é a responsabilidade sobre os DIREITOS do trabalho.

A equação é simples: mais DIREITOS menos acumulação. A lição aprendida e apreendida pelo Capital no Estado Moderno, para garantir sua lógica cumulativa infinita, é diminuir o Estado para que não se “corra o risco” de prolongar indefinidamente a criação de obstáculos para a acumulação. O Estado do Capital deve ser mínimo para garantir o máximo de sua devoção aos diversos tipos de capitalistas. Ou seja, Estado mínimo para o trabalho, Estado máximo para o Capital. É nesse contexto que, de certo modo, dá-se a trituração das relações sociais no moinho satânico do Mercado (conforme Karl Polanyi).

Se o Mercado é o atravessador necessário para a circulação dos diversos tipos de Capital, o Estado máximo para o Capital deve ser máximo para o Mercado em suas transações. As inúmeras divergências (maiores ou menores) entre Estados dos mais variados tipos na geopolítica moderna são arranjos e desarranjos intestinais de um sistema digestivo único, pertencente a um único corpo. Não nos espantemos, principalmente na América Latina, que costuma ser cobaia para os experimentos sociometabólicos do Capital, se após a Pandemia do Covid-19 houver uma recuperação econômica “exultante” associada a um desemprego degradante. As novas formas de trabalho precário que vieram para ficar são a consolidação do Estado mínimo em DIREITOS e máximo para os capitalistas. A força de reação que poderia advir do movimento sindical já foi praticamente neutralizada.

É urgente a expansão do que se vem chamando de interseccionalidade. Todavia, é preciso cautela para o uso, não da palavra, mas com a forma de viabilizá-la.

Tenho percebido que a questão do trabalho apenas tangencia os movimentos sociais, por não se tratar da categoria social predominante na luta por DIREITOS.

Há um apagamento do conflito Capital-trabalho e, em consequência da luta de classes, e a razão de ser do Estado mínimo. É sempre bom lembrar que o Estado é mínimo para todos os DIREITOS sociais, civis e políticos.

E será sempre máximo para o Capital-Canibal.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.